Dispersão concentrada

Antonio Candido

Ruy Coelho tinha uma versatilidade extraordinária. Só que em vez de estar associada à informação superficial, como de costume, ela desaguava sempre no conhecimento a fundo. É que ele possuía, além da capacidade de concentração em alto grau, uma força de análise que lhe permitia chegar ao nó do problema, sem falar na mais prodigiosa das memórias, dessas que registram tudo com exatidão e para sempre. Outra cabeça desse tipo, só conheci a de Sérgio Buarque de Holanda, com quem Ruy Coelho tinha em comum, além das afinidades mentais, o humor, o gosto pela boemia do espírito e pelas infindáveis conversas noite afora. Tanto as leituras quanto os papos eram favorecidos pelo ritmo peculiar do seu sono, que o fazia deitar-se lá pelas quatro ou cinco da madrugada. Assim, dispunha diariamente de muitas horas de quieta solidão, amiga dos livros e da reflexão.

Ele sempre soube muito mais coisas do que nós, seus amigos e companheiros de mocidade. Inclusive porque tinha o dom da disponibilidade intelectual e uma curiosidade que o fazia interessar-se pelas coisas mais inesperadas, graças ao caprichoso movimento de assunto-puxa-assunto. Por exemplo: no meado dos anos 50 resolveu reler com rigor o *Ulisses*, de Joyce, e isso o levou à *Odisséia*, que percorreu com todo o cuidado, interessando-se pela questão complementar das navegações dos gregos, inclusive o estudo da construção naval, desde a madeira até a calafetagem, tendo como conseqüência o desejo de saber alguma coisa sobre os vernizes, pois aconteceu que estava planejando meticulosamente uma vitrola (aparelho de som, como se diz hoje), e para isso queria conhecer os melhores materiais. Assim, a madeira relacionada com as águas homéricas se associou à madeira relacionada ao som mecânico do nosso tempo, resultando dessas digressões acréscimo de informação e muito divertimento.

A isso é preciso juntar a variedade dos seus dons naturais, que lhe permitiam apreciar e conhecer de maneira excepcionalmente aguçada a literatura, a música, as artes figurativas, a filosofia, a história, as técnicas materiais, a heráldica, os vinhos, a culinária. E não esqueçamos a notável competência em matéria de romance policial e de cinema, cuja crítica exercen em moço. Quanto ao fervor e à intensidade das leituras, uma simples prova material: o estado dos dez volumes de seu Balzac da Pléiade, — estragadíssimo pela frequência do manuseio.

Tudo isso convergiu de maneira original para enriquecer o seu ofício de sociólogo e antropólogo, baseado numa formação rigorosa, embora liberta e flexível. Formado em Filosofia no ano de 1941, e em Ciências Sociais no de 1942, foi em 1945 para os Estados Unidos com bolsa junto à Northwestern University, onde teve professores de alta qualidade, ligando-se sobretudo a seu orientador, Melville Herskovits, e a Irving Hallowell, sob cuja direção aplicou numa pesquisa de campo entre os índios Ojibwa de Lac du Flambeau, estado de Wisconsin, as técnicas projetivas para estudo da personalidade, que aprendera em 1946 num curso do Instituto Rorschach de New York e o marcaram em definitivo. Isso foi importante para orientá-lo no rumo dos estudos de perso-

ANTONIO CANDIDO é professor aposentado de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP e autor de *Formação da literatura brasileira* (Editora Itatiaia) e *Os parceiros do Rio Bonito*. Seu livro mais recente é a coletânea de ensaios *A educação pela noite* (Editora Ática).

H
O
M
E
N
A
G
E
M

nalidade-e-cultura, que naquele tempo eram novidade palpitante na Antropologia e seriam o seu campo predileto. Logo a seguir recebeu uma verba para estudar os Caraíbas Negros de Honduras, país onde morou durante um ano, de 1947 a 1948, recolhendo material para a tese de doutorado, aprovada em 1954.

Em Honduras aproveitou como sempre para canalizar o interesse intelectual segundo o estímulo do momento. Leu toneladas de literatura espanhola e hispano-americana nos intervalos da pesquisa, residindo às vezes em palafitas: o *Romancero*, toda a Picaresca, os grandes do *Siglo de Oro*, muito do caudaloso Perez Galdós. Vem daí o seu conhecimento da América Espanhola, reforçado pela estadia no ano de 1949 a 1950 na Universidade de Porto Rico, como professor assistente de Antropologia. De 1950 a 1952 foi antropólogo da UNESCO, em Paris, e de volta ao Brasil foi nomeado em 1953 assistente da cadeira de Sociologia II, regida por Fernando de Azevedo, de quem fora aluno e a quem sucedeu por concurso em 1964. Sempre ligado a instituições estrangeiras, ensinou durante alguns anos do decênio de 1970 na Universidade de Aix-en-Provence e outros tantos na de Coimbra nos anos 80.

Mas não pretendo acompanhar a carreira universitária de Ruy Coelho. Esses dados sumários servem de mero quadro para compreender os rumos da sua produção intelectual, iniciada em 1941 com um longo ensaio sobre Marcel Proust, no primeiro número da revista *Clima*. No rapaz de vinte anos, era a prova singular e precoce de saber e capacidade crítica.

A tese de doutorado, *The Black Caribs of Honduras*, publicada em tradução portuguesa no ano de 1964 com o título *Os Karaib negros de Honduras*, mostrava o toque pessoal ao discrepar da rotina do gênero. Seria em princípio a clássica monografia de comunidade segundo o modelo americano então reinante, mas virou coisa diferente nas suas mãos. No começo, tudo normal: dados históricos, meio físico, capítulo abrangente sobre organização social; mas a seguir vinha a inflexão. Em vez de desenvolver sistematicamente os vários aspectos da organização, ele se concentrou num tópico, que lhe parecia esclarecer de maneira mais profunda a cultura em estudo: as crenças e a vida ritual, com destaque para o comportamento do indivíduo no contexto da cultura e da sociedade. Foi desse material que extraiu dois artigos de repercussão internacional: o primeiro, publicado em 1949 na revista *Man*, “The significance of the Couvade among the Black Caribs”, propunha uma nova interpretação deste costume e foi louvado por Lévi-Strauss; o segundo, “Le concept de l’âme chez les Caraïbes Noirs”, saiu em 1952 no *Journal de la Société des Américanistes*.

O interesse pelos estudos de personalidade-e-cultura não o deixaria mais e seria de certo modo o eixo da sua atividade universitária em cursos, pesquisas e escritos. É curioso ver como circula à sua volta por meio de uma ida ao passado no livro seguinte, *Indivíduo e sociedade na obra de Augusto Comte*, investigação teórica visando a indicar certas raízes do estruturalismo antropológico, predominante naquela altura. A formação que tivera na Universidade de São Paulo com os professores franceses se apoiava bastante na obra de Durkheim, que por sua vez fecundara a orientação comteana. Foi o caminho que seguiu neste trabalho, tese de livre-docência publicada em 1963, para mostrar o entroncamento do estruturalismo naquela tradição, indicando de que maneira uma leitura adequada permitia encontrar na obra de Comte subsídios importantes para entender a personalidade a partir da sociedade. Ao mesmo tempo, contraditava afirmações rotineiras sobre a atitude anti-psicológica do fundador do positivismo.

Preocupação do mesmo tipo está no cerne de *Estrutura social e dinâmica psicológica*, tese de cátedra defendida em 1964 e publicada em 1969. É um livro magistral onde, segundo o seu modo predileto de proceder, parecido nisso com o de seu mestre Roger Bastide, ele começa pela análise das teorias, passa à sua crítica e termina por apresentar o tema central. Assim, parte do conceito de estrutura e expõe o pensamento de autores sensíveis à dimensão psicológica, como Marcel Mauss e Lévi-Strauss. A seguir estuda o ponto de vista de Radcliffe-Brown e seus discípulos Firth e Nadel (este, professor com quem conviveu e que o influenciou), terminando pelos norte-americanos, cuja posição considera “estruturalista-funcionalista”. Isso feito chega onde queria e expõe o seu modo de ver, sob a forma de uma apresentação do lado psicológico das teorias estruturalistas. É o momento mais pessoal do livro, no qual entra pelo estudo da personalidade à luz do processo de integração social, terminando pela visão sintética da sua relação com a estrutura da sociedade.

Como se vê, a atividade intelectual, e sobretudo profissional desse homem aparentemente dispersivo se ordenava segundo uma linha-mestra – enriquecida pela informação

sempre atualizada em campos como a epistemologia, a psicanálise, a filosofia da linguagem. Uma das suas últimas, senão a última publicação foi o brilhante estudo “Planos da cognição e processos culturais” (na revista *Tempo Social*, 1989), onde analisa segundo um ângulo novo os mecanismos sociais e culturais envolvidos no processo de conhecer, em sentido amplo e vários níveis. Uma coletânea (que se impõe) dos seus dispersos mostraria a riqueza da sua atividade intelectual, na variedade dos temas e dos métodos. Mostraria como nele o antropólogo e o sociólogo eram ao mesmo tempo um homem de saber universal, capaz de circular com toque próprio, servido por um admirável estilo, da literatura à lógica, da sociologia ao cinema.

Quanto ao modo de ser, há de ficar na lembrança dos que o conheceram a marca da sua retidão tranqüila mas inflexível e o profundo desinteresse por qualquer sombra de fama, poder ou mesmo notoriedade. Praticamente, só escrevia premido por compromisso e não cuidava sequer de dar aos amigos os textos publicados. Talvez a sua única vaidade tenha sido a de saber, saber muito, saber mais, estar em dia. Fechado no escritório, mergulhado nas leituras insones da vida inteira, o mundo da inteligência foi para ele essa atividade mental depurada, desinteressada no sentido mais alto e mais completo da palavra. No mundo das relações, o seu dia-a-dia se caracterizava pelo exercício da tolerância apaziguadora e de uma invariável boa vontade. Por isso, poucos foram como ele tão admirados e tão afetuosamente queridos.

Ruy bom

Decio de Almeida Prado

*Ruy bom, cuidado! Motorista
Dos highlands do pensamento:
Nessas landas os nativos
Não consertam as estradas.*

Mario de Andrade

Cinquenta anos se passaram. E se me fosse dado recuar no tempo até 1940, como éramos então, um grupo de amigos unidos um pouco pela arte – cinema, literatura, música – e muitíssimo pelas afinidades pessoais (“a partir de um certo momento, creio que só conseguíamos nos divertir se estivéssemos juntos”, escreveu Gilda de Mello e Souza) e se me fosse pedido para predizer o futuro de cada um, sem o benefício do que fiquei sabendo depois, acho que não erraria sobre ninguém tanto quanto sobre Ruy Coelho. Imaginávamos, todos nós, acredito, que do grupo ele seria o mais literário e o mais produtivo. E se nos dissessem que lhe estava reservada uma excelente carreira burocrática, é provável que ríssemos. Ele mesmo, se não me engano, assim pensava. Quando o visitei pela primeira vez na sua sala de recém-empossado Diretor da Faculdade de Filosofia da USP, ele me perguntou, sorrindo: “Alguma vez, Decio, você supôs que um dia eu ocuparia esta cadeira, que já pertenceu ao seu pai?” Pelo tom divertido que deu às palavras, percebia-se que não apenas eu mas também ele jamais havia imaginado tal coisa. Estávamos ambos surpresos.

Em 1940 tínhamos, como sempre acontece, bons motivos para o nosso erro. Ao criarmos a revista *Clima*, em maio de 1941, Ruy, que só em dezembro completaria vinte e um anos, surpreendeu-nos com um ensaio de quase trinta páginas – e páginas alenta-

DECIO DE ALMEIDA PRADO é professor aposentado da FFLCH-USP e autor de, entre outros, *Exercício findo* (Editora Perspectiva).